Jefferson Rudy

A EX-DIRETORA DO PRODASEN REGINA BORGES, COM O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ÉTICA, RAMEZ TEBET: "A MINHA ALMA SERÁ ABERTA COM A VERDADE"

Pressão pelo silêncio

Olímpio Cruz Neto
Da equipe do **Correio**

Pedido de senador é lei no Senado. É ordem. Ninguém deve descumprir. Vinda do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), a ordem, então, é inquestionável. Todo funcionário do Senado sabe disso. É como um tabu, ou um código de honra, mas que não está escrito em lugar nenhum. Regina Célia Peres Borges, a ex-diretora do Prodasen, também sabia. No depoimento que prestou ontem, durante cinco horas ao Conselho de Ética do Senado, ela confirmou tudo que já havia dito. Disse que recebeu a ordem do ex-líder do governo José Roberto Arruda (PSDB-DF) para violar o painel eletrônico do Senado e obter a lista com os votos da sessão que cassou o mandato de Luiz Estevão de Oliveira Neto. A ordem teria sido encaminhada, indiretamente, por ACM.

"A minha alma será aberta com a verdade", iniciou seu depoimento. "Vou dizer o que aconteceu". Visivelmente emocionada, com voz embargada, mas de maneira firme — segundo alguns senadores presentes, muito consistente —, Regina manteve a versão apresentada na segunda-feira. Durante cinco horas, ela descreveu em detalhes como começou toda a novela da violação do painel do Senado. Disse mais. Foi pressionada por ACM e Arruda, que não assistiram ao depoimento, a não revelar nada. Do líder do governo, disse ter ouvido a seguinte ordem: "É preciso manter silêncio sobre tudo. Até sob tortura". Cumpriu a ordem. Mas só até segunda-feira.

No início da semana, ela foi convocada para prestar esclarecimentos à comissão de inquérito administrativo que apurava o caso da violação do painel. Confrontada com o relatório da Unicamp, indicando que o sistema foi violado, e com o depoimento dado no mesmo dia pelo operador Heitor Landur, Regina não resistiu. Abriu o jogo. "Na primeira vez (em 5 de março), depus chorando. Menti. E tive que apoiar cada colega para segurar a onda", revelou. No segundo depoimento, dado na segunda-feira, ela revelou tudo. Depois, ligou para Domingos Lamoglia, o assessor de Arruda. Ouviu dele, a seguinte afirmação: "O senador vai negar. Vai negar tudo. Como é que você fica?" Respondeu: "Eu não tenho outro caminho. Fico com a verdade". Ontem, repetiu o que declarou à comissão.

Na noite do dia 27 de junho, contou, foi convidada por Arruda para ir ao apartamento dele. "Não tenho condições de cotejar horários. Devia ser por volta de 20, 21 horas. Fui a casa dele em seguida e lá permaneci por 15, 20 minutos", relatou. Lá, no apartamento de Arruda, recebeu o pedido. Reagiu, negando que fosse possível violar o painel. Segundo ela, o senador afirmou que era possível. Saiu de lá e voltou para casa. "Disposta a cumprir uma ordem", afirmou.

Regina confessou, entretanto, que não desconhece ter cometido um crime. "Não tenho orgulho do que fiz", declarou, assumindo a responsabilidade pelos colegas. "Havia uma pirâmide hierárquica. Não ia deixá-los na mão". Preparada a fraude no sistema pelo marido Ivar Borges e o técnico Sebastião Gazola, que violaram o painel, ela obteve a lista no dia seguinte. No final da tarde, passou-a às mãos do assessor Lamoglia.

PAPEL PARDO

Segundo a ex-diretora, jamais questionou ou tentou descobrir os motivos que levaram Arruda a querer obter a lista. Teve certeza que ACM recebeu o documento, encaminhado num papel pardo — e que ela jura não ter lido —, na noite do dia 28 de junho. "Ele (ACM) me ligou, em casa, ou provavelmente no celular, e me agradeceu", relatou. Regina disse que só ficou realmente preocupada quando, logo após a cassação de Estevão, saiu uma nota na coluna de Ricardo Boechat, do jornal *O Globo*, apontando que a senadora Heloísa Helena (PT-SP) teria votado contra a cassação de Estevão. "Desde então estou enfrentando um calvário. Um calvário mesmo", disse.

Confrontada com as perguntas dos senadores, Regina manteve-se firme. E mostrou-se disposta a fazer uma acareação com os dois senadores e Lamoglia. Os três vêm negando participação na fraude. "É difícil, mas estou aqui", respondeu, admitindo constrangimento por enfrentar tal situação. O depoimento de Lamoglia, previsto para ocorrer na Corregedoria do Senado, foi transferido a pedido do assessor. O senador Romeu Tuma (PFL-SP) marcou-o para a próxima segunda-feira. E, no dia seguinte, Lamoglia terá que se dirigir novamente ao Conselho de Ética para depôr. Dará sua versão junto com os outros funcionários envolvidos: Ivar Ferreira (marido de Regina), Heitor Ledur e Hermilo Gomes da Nóbrega. Também o técnico em informática Sebastião Gazola prestará esclarecimentos.